



INSTITUTO DE FILOSOFIA & CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

1º Semestre de 2011

DISCIPLINA

CÓDIGO / TURMA

NOME

HH 730A	Tópicos Especiais em História XXX <i>“Arqueologia Histórica de ‘Multidão’ na Idade Média: questões sobre a coletividade indefinida”</i>
----------------	---

PRÉ-REQUISITOS

*HH183/ AA200

CARGA HORÁRIA: (Nº DE HORAS POR SEMANA)

TEORIA: 02	PRÁTICA: 02	LABORATÓRIO: 00	ORIENTAÇÃO: 02	ESTUDO: 00
ATIVIDADE À DISTÂNCIA: 00	HORAS AULA EM SALA: 04		CRÉDITOS: 06	

HORÁRIO:

Terça-feira, das 14h00 às 18h00

PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL

CONTATO:

João Gomes da Silva Filho

clairabelard@yahoo.fr

EMENTA

Esta disciplina terá seu programa definido em função das pesquisas que se realizam no Departamento de História e das discussões prévias entre alunos e professores.

PROGRAMA

O programa está construído em três eixos principais e progressivos, alternando-se (1) a apresentação e a contextualização de fontes e documentos, (2) esclarecimentos a respeito dos métodos propriamente medievais de interpretação e utilização dos textos e (3) a relevância teórica e metodológica das conclusões alcançadas ao longo do curso em comparação com as bases conceituais já adquiridas.

As múltiplas formas de articulação coletiva humana são indiscutivelmente a base e o foco de disciplinas como a História, a Sociologia e a Antropologia entre outras. Os objetos de estudo e os conceitos que nos servem de instrumentos cotidianos de trabalho se pulverizam entre noções tais como “povo”, “nação”, “comunidade”, “massas”, “popular”, “coletivo”, “população” etc. que, cada um a seu modo e influenciado por uma perspectiva particular,

ideológica ou filosófica, emprega com a intenção de tornar o mais preciso possível o seu campo de estudo e suas preocupações imediatas. Entre as diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais se estabeleceu já há algum tempo uma interlocução que nos daria todas as condições de superarmos os impasses terminológicos envolvidos na questão do coletivo, porém, falta ao historiador uma presença mais visível em um debate no qual a perspectiva histórica, a reflexão sobre a longa duração, pode contribuir para o esmero dos conceitos. O curso buscará introduzir a posição do medievalista, convidando os estudantes interessados neste período, mas não só nele, a retomarem o que pode ser considerada a microestrutura do discurso pré-político desenvolvido à partir do fim do século XVI e do século XVII por Maquiavel, Espinosa e Hobbes. Esta microestrutura é a noção aparentemente vaga de “multidão”. A tradição de pesquisas a esse respeito não é grande e restringe-se à tríade de autores citados e suas fontes. Estas últimas são frequentemente buscadas na história romana ou nas influências recíprocas de um sobre o outro.

A Arqueologia Histórica - ou Genealogia Histórica, mesmo que a equivalência não seja inteiramente inequívoca – aparece com Nietzsche, sem que precisemos recuar mais do que isso. Ela foi retomada e resignificada por Michel Foucault, mas pode-se reconhecer também uma contribuição sensível de Robin G. Collingwood. Muito recentemente ela vem sendo utilizada como método de pesquisa e de circunscrição de novos objetos de estudo de modo bastante rico por autores que se dedicam, como medievalistas ou não, ao período medieval, como Giorgio Agamben e Alain De Libera. Este método de pesquisa nos possibilita tratar os conjuntos discursivos em sua temporalidade própria e intimamente relacionados com a(s) temporalidade(s) históricas já reconhecidas pelo historiador, mas não presentes na Filologia clássica e nos estudos etimológicos. Que a Arqueologia Histórica tenha interessado em princípio muito mais os filósofos e os historiadores da filosofia é compreensível; que ela ainda não esteja muito presente entre os historiadores também. Propomos discutir e demonstrar, na medida possível, o quanto a tradição dos comentários bíblicos medievais influenciou toda a produção subsequente sobre a multidão e, como havia, dessa maneira, uma grande preocupação por parte de exegetas e teólogos em compreender e disciplinar esta “amostra” de uma coletividade absolutamente indefinida nos padrões medievais. Sirvo-me da expressão “coletividade indefinida” por duas razões: a primeira, pela característica particular do termo multidão em latim clássico e medieval de recobrir uma variedade numérica imprecisa, mas que no interior dos discursos carrega e produz o que poderíamos chamar de uma valência discursiva, sendo esta mais flexível e problemática, por esta razão, do que outros termos relativos às possíveis organizações coletivas humanas; em segundo lugar, “coletividade indefinida” diz respeito aos desenvolvimentos atuais em filosofia política e em antropologia sobre as novas formas de vida social no novo capitalismo.

Será importante mostrar também que há uma base bíblica direta para a reflexão medieval e moderna sobre a multidão, principalmente no Velho Testamento (por exemplo, em Números 16,3). Este caminho nos levará a questionar conceitos atualmente reintroduzidos no debate contemporâneo (pensamos em Toni Negri e Michael Hardt). Esta reflexão historiográfica poderá ajudar a borrar mais um pouco os limites artificialmente estabelecidos entre os períodos históricos sendo possível perceber o quanto de “medieval” há de fato no “moderno”.

O recorte temporal proposto compreende os séculos IV a XIII, mas privilegiará os séculos X, XI e XII como o período de criação das condições articuladas de uma eclesiologia que diz mais claramente sua inquietação e suas propostas para a relação entre o individual e o coletivo.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO

1. Introdução: a medievalística e as Ciências Sociais através do prisma da “multidão”.
2. Maquiavel, Espinosa e Hobbes ou o fundamento medieval da teoria política moderna.
3. Fundamentos da interpretação bíblica medieval.
4. A “Multidão” na Bíblia, multidões bíblicas.
5. *Omnis multitudo sanctorum est* (Num 16, 3), toda multidão é sagrada: exegese medieval-I.
6. *Omnis multitudo sanctorum est*: exegese medieval-II.
7. *Multitudo, populos, plebe e turba* – I: A Cidade de Deus de Agostinho.
8. *Multitudo, populos, plebe e turba* – II: Instituições Cenobíticas de João Cassiano.
9. *Multitudo, populos, plebe e turba* – III: A Hierarquia Celeste do Pseudo-Denis Areopagita.
10. Recapitulação e síntese.
11. Diversificação social e teorias historiográficas sobre o individual nos séculos XI e XII
12. Os monges e o coletivo por Bernardo de Claraval, Guibert de Nogent e Rupert de Deutz.
13. Passagens escolhidas da Suma de Teologia de Tomas de Aquino, mas com uma atenção particular ao « Sur la logique d’Aristote. Traité III : du prédicament de la quantité », *Opuscles*, t.V, Paris, Librairie de Louis Virés éditeur, 1858, p. 147-163.
14. A instituição do coletivo – II: Mary Douglas, o Levítico e Números.
15. A instituição do coletivo - I: a “multidão” medieval sob a luz da antropologia contemporânea de Philipe Descola.
16. Conclusões: retorno sobre Espinosa e a nova multidão.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, G., *La Communauté Qui Vient. Théorie de la singularité quelconque*, Paris, Seuil, 1990.
- AGAMBEN, G. *Le Temps qui Reste. Un commentaire d l’Épître aux Romains*, Paris, Rivages Poche, 2004 [2000]
- AGAMBEN, G., *Signatura rerum. Sur la méthode*, Paris, Vrin, 2008.
- AGAMBEN, G., *Le Règne et la Gloire. Homo sacer, II, 2*, Paris, Seuil, 2008.
- ANSALDI, S., « Avec Dante. Les noms de la multitude », *Multitudes*, 10, 2002 (internet).
- AUERBACH, E., *Figura*, Paris, Macula, 2003 (1967).
- BILLER, P., *The Measure of Multitude. Population in Medieval Thought*, New York, Oxford University Press, 2000.
- BISSON, T. N., *The Crisis of the Twelfth Century. Power, lordship and the origins of European*

government, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2009.

BOUREAU, Alain. *L'événement sans fin. Récit et christianisme au Moyen Age*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

BOUREAU, A., *La Religion de l'État. La construction de la République étatique dans le discours théologique de l'Occident Médiéval (1250-1350)*, Paris, Les Belles Lettres, 2006.

BOUREAU, A., *l'Empire du Livre. Pour une histoire du savoir scholastique*, Paris, Les Belles Lettres, 2007.

BOUREAU, A., *De Vagues Individus. La condition humaine dans la pensée scolastique*, Paris, Les Belles Lettres, 2008.

BROWN, N. e SZEMAN, I., "O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri", *Novos Estudos Cebrap*, 75, 2006, p. 93-108.

BRUCKER, G. A. (ed.), *People and Communities in the Western World*, Michigan, Dorsey Press, 2 vols, 1979.

CAPITANI, O., "Il Medioevo : una mentalità del molteplice", *Intersezioni*, III/1, 1983.

CARRUTHERS, Mary. *Le livre de la memoire. La memoire dans la culture médiévale*. Paris, Macula 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2002, p.201-272.

CHIFFOLEAU, *La Comptabilité de l'Au-delà. Les Hommes, La Mort et la Religion dans la région d'Avignon à la fin du Moyen Age (vers 1320-vers 1480)*, Rome, Collection de l'EFR, 1980.

DAHAN, G., *L'Exégèse Chrétienne de la Bible en Occident Médiéval (XII-XIV)*, Paris, Cerf, 1999.

DAHAN, G., « L'exégèse de Genèse 1,26 dans les commentaires du XIIe siècle »,

DAHAN, G., « L'allégorie dans l'exégèse chrétienne de la Bible au Moyen Age », in G. Dahan et M. Goulet (dirs.), *Allégorie des Poètes. Allégorie des Philosophes. Études sur la poétique et l'herméneutique de l'allégorie de l'Antiquité à la Réforme*, Paris, Vrin, 2005, p. 205-229.

DAHAN, G., « Les Pères dans l'exégèse médiévale de la Bible », *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 91, 2007, p. 109-127.

DAHAN, G., "Fabula, between $\mu\theta\omicron\varsigma$ and $\eta\eta\alpha$: concerning Christian exegesis during the Middle Ages", *Scriptural Exegesis. The shapes of the culture and the religious imagination: essays in honour of Michael Fishbane*, ed: D. A. Green and L. S. Lieber, Oxford, Oxford University Press, 2009, p. 268-280.

DE FONT-REAUXX, J., « Une encyclopédie carolingienne de comput : les *Sententia in laude compoti* », *Bibliothèque de l'École de Chartes*, 104/1, 1943, p. 237-243.

DEL LUCHESE. F., « S'accoutumer à la diversité: figures de la multitude chez Maquiavel et Spinoza », *Multitudes*, 13, 2003 (internet).

- DEL LUCHESE, F., *Conflict, Power and Multitude in Machiavelli and Spinoza: tumult and indignation*, Continuum Publishing Corporation, 2009 [2004].
- DESCOLA, Ph., *Par-delà Nature et Culture*, Paris, Gallimard, 2005.
- DOUGLAS, M., *l'Anthropologue et la Bible. Lecture du Lévitique*, Paris, Bayard, 2004.
- DOUGLAS, M., *As Lágrimas de Jacó. O trabalho sacerdotal de reconciliação*, São Paulo, Loyola, 2010.
- DOUGLAS, M., *In the Wilderness. The Doctrine Of Defilement In The Book Of Numbers*, Oxford, Oxford University Press, 2001.
- DuQUESNAY ADAMS, J., *The « Populus » of Augustine and Jerome. A study in patristic sense of community*, New Haven/London, The John Hopkins University Press, 1971.
- ESPINOSA, B. de, *Tratado Político*, trad., introd. e notas de Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- ESPOSITO, R., *Communitas. Origine et destin de la communauté*, précédé de *Conloquium* de Jean-Luc Nancy, Paris, PUF, 2000.
- FANNING, S., "Jerome's concept of Empire", in L. Alexander (ed.), *Images of Empire*, Sheffield, 1991, p. 239-250.
- FANNING, S., "Bede, *imperium* and the Bretwaldas", *Speculum*, 66, 1991, p. 1-26.
- FOURNIER, M. P., « Le Premier Manuel Canonique de la Réforme du XIe siècle », *MEFR*, 14/1, 1894, p. 147-223.
- GARULLI, E., "La *multitude* o 'soggetto colectivo' in Spinoza", *Proceedings of the First Italian International Congress on Spinoza*, ed: Emilia Giacotti, Napoli, Bibliopolis, 1985, p. 333-342.
- GEARY, P., "Ethnic Identity as Situational Construct in the Early Middle Ages", *Mitteilungen der anthropologischen Gesellschaft in Wien*, 113, 1983, p. 15-26.
- GEARY, P., *The Myth of Nations: the medieval origins of Europe*, Princeton, Princeton University Press, 2001.
- GASPARY, G. E., *Politics and Exegesis. Origen and the two swords*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1979.
- GAUDEMET, J., « Le mot 'populus' chez saint Augustin et saint Jérôme », *Annales ESC*, 28/4, 1973, p. 964-965.
- GUERREAU, Alain. *Le future d'un passé incertain*, Paris, 2002.
- HOBBS, T., *Leviatã*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- HOBBS, T., *Do Cidadão*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- IOGNA-PRAT, D., *Ordonner et Exclure. Cluny et la société chrétienne face à l'hérésie, au*

judaisme et l'Islam, 1000-1150, Paris, Aubier, 1998.

LECLERCQ, J., *L'Amour des Lettres et le Désir de Dieu*, Paris, Cerf, 1990 [1957].

LORAUX, N., "Notes sur l'un, le deux et le multiple", *L'Esprit des Lois Sauvages. Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique*, M. Abensour (éd.), Paris, 1987, p. 155-170.

LUBAC, H. de, *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, Paris, Aubier, 1959-1964 (4 tomes).

MAQUIAVEL, N., *O Príncipe*, São Paulo, Hedra, 2007.

MAQUIAVEL, N., *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

MICHON, P., *Rythmes, Pouvoir, Mondialisation*, Paris, PUF, 2005.

MOORE, R. I., *The Formation of a Persecuting Society. Authority, [power] and deviance in western Europe, 950-1250* (changed title), Malden, 2007.

MOULIN, L., « Les origines religieuses des techniques électorales et délibératives modernes », *Politix*, 43/11, 1998, p. 117-162.

NANCY, J.-L., *La Communauté Désœuvrée*, Paris, Christian Bourgeois, 1986.

NANCY, J.-L., *La Communauté Affrontée*, Paris, Galilée, 2001.

NEGRI, T. and HARDT, M., *Empire*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 2001.

NEGRI, T. and HARDT, M., *Multitude. War and Democracy in the Age of Empire*, London, Penguin, 2006 [2004].

NEGRI, T., « Pour une définition ontologique de la multitude », *Multitudes*, 7, 2001 (en ligne).

NEGRI, T., *The Savage Anomaly: the power of Spinoza's metaphysics and politics*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1991.

POHL, W. and REIMITZ, H. (eds.), *Strategies of Distinction. Construction of Ethnic Communities, 300-800*, Leiden, Brill, 1998.

POHL, W., GOETZ, H.-W. and JARNUT, J. (eds.), *Regna and Gentes: the relationship between Late Antiquity and the Early Medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world*, Leiden, Brill, 2003.

REUTER, T., *Kingdoms and Communities in Western Europe, 900-1300*, Oxford, 1984.

SKUBISZEWSKI, P., «*Ecclesia, christianitas, regnum et sacerdotium* dans l'art du Xe et XIe siècles », *Cahiers de Civilisation Médiéval*, 28, 2/3, 1985

SMALLEY, B., *The Study of the Bible in the Middle Ages*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1978 (1964).

SMALLEY, B., "Ecclesiastical attitudes to novelty, c.1100 – c.1250", *Church, Society and Politics. Studies in Church History*, Oxford, Oxford University Press, 1975, p. 113-131.

SMITH, J. M. H., *Europe After Rome. A new cultural history 500 – 1000*, Oxford, Oxford University Press, 2007 (2005).

SOLER, J., *Sacrifices et Interdits Alimentaires dans la Bible. Aux origines du Dieu unique t. 3*, Paris, Hachette, 2004.

SPICQ, C., *Esquisse d'une Histoire de l'Exégèse Latine au Moyen Age*, Paris, Vrin, 1941.

VAN DEN WIEL, R., « Remote History Re-emerges: the multitude and the stoicism », 2007 (internet).

VEYNE, Paul. "Os conceitos em história", SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Teoria da história*. São Paulo, Cultrix, s/d, p.120-134.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

VIRNO, P., "Gramática de la Multitud : para una análisis de las formas de vida contemporáneas", 2002 (internet).

YOVEL, Y., "Spinoza, the Multitude, and Dual Language", *Spinoza and the Other Heretics: the marrano of reason*, Princeton, Princeton University Press, 1989, p. 128-152.

FORMAS DE AVALIAÇÃO

A nota final do aluno será o resultado da somatória das seguintes avaliações:

1. Conceito de participação em sala com valor entre zero e um ponto.
2. Texto escrito pelo aluno a ser entregue no máximo no penúltimo dia de aula (ou aula 14).

HORÁRIO DE ATENDIMENTO A ALUNOS

Terça-feira das 08 às 12hs e quartas-feiras das 14 às 17hs ou em horário estabelecido segundo agendamento prévio.